

GENTE
DA TERCEIRA CLASSE

JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS
GENTE
DA TERCEIRA CLASSE



© 1996, Camila Rodrigues Miguéis e Parque EXPO 98, S. A.

A publicação dos contos *Gente da Terceira Classe* e *O Viajante Clandestino*, extraídos do livro *Gente da Terceira Classe*, editado pela Editorial Estampa, foi gentilmente autorizada por esta Editora e por Camila Rodrigues Miguéis.

Ilustração e Design
Luís Filipe Cunha

Tiragem
5000 exemplares

Composição
Fotocompográfica

Seleção de Cor
Grafiseis

Impressão e Acabamento
Printer Portuguesa

Depósito Legal
101 810/96
ISBN

972-8127-42-1

Lisboa, Setembro de 1996

GENTE DA TERCEIRA CLASSE

(Jornal de bordo — 1935)

Desta viagem no velho *Arlanza* até Sou't'n vou guardar uma indelével memória. Deixo no cais o punhado de amigos que tenho, e que o tempo e a distância provavelmente irão reduzindo e esbatendo até ao esquecimento. Não vai comigo a bordo ninguém que me possa ajudar a atenuar, pelo convívio, a chaga dos problemas que me ficam no rasto, nem a solver o enigma que do outro lado do Atlântico me espera. A vida é uma cadeia de esfinges irresponsáveis, e é preciso correr ao longo delas, avançar sempre, acreditando que existe algures a solução... A solidão faz-

-me sofrer: atenua-a porém o interesse que me despertam os companheiros de viagem — talvez devesse antes dizer, de infortúnio. Com eles depressa esqueço, ou quase, o que me dói.

É preciso ter viajado num destes transatlânticos para se fazer uma ideia das fronteiras que separam os homens e as classes, mesmo dentro duma casca de noz. E somos poucos, aqui, não mais de cinquenta: que faria se fôssemos os duzentos ou quatrocentos da lotação, só Deus sabe, amontoados na imunda gafaria que é a terceira dos emigrantes.

O *Arlanza* regressa da América do Sul a Southampton, na Inglaterra, com escala na Madeira, em Lisboa, na Corunha e em Cherburgo, carregando no bojo mercenário um punhado de viajantes da casta de todas a mais triste: os de torna-viagem. Os que um dia distante partiram num porão, e, corridos anos, voltam à terra que lhes foi berço, no âmago dum sepulcro flutuante que um veterinário teria condenado como impróprio para o gado de açougue. Ao partir, levavam consigo ao menos uma esperança: agora nem isso lhes resta. Muitos deles, com o sonho, seu único luxo, perderam por lá a saúde e a força de trabalho, que era toda a sua riqueza.

Com estes, os de torna-viagem, embarcaram na Madeira e agora comigo, em Lisboa, alguns portugueses que vão, como eu, à Inglaterra tomar o paquete para os Estados Unidos. Assim se juntam aqui, embora com destinos e em estados de alma opostos, duas correntes da mesma miséria: uma delas, ainda quente do sol da ilusão, parte para as zonas mais temperadas e prósperas do Leste americano; a outra regressa lá do equador e do trópico, fria de desapontamento, amolambada e escrofulosa, para se dispersar por todos os cantos deste nosso mundo cristão e ocidental. Correntes humanas, num inquieto e perpétuo corropio em torno destoutro mar de Sargaços, a vida.

Enquanto dura o sol da costa portuguesa, tudo vai bem: mas logo que passamos as alturas de Leixões, chove, está frio (em Julho!), e a maioria dos viajantes, vindos de climas mais benignos, alguns doentes, somem-se nas profundezas cavernosas do navio, onde reinam todos os cheiros inimigos do homem, entranhados em vinte anos de uso pelos dejectos da raça: suores de pobres, comezaina enjoativa, creolina, vômitos, urina derramada. O mau tempo agrava a monotonia da jornada.

É quase impossível passear no *deck* da terceira à popa,

descoberto, acanhado e varrido da ventania, batido de chuva, borrifado pelos escarros pulverizados do Atlântico, e ainda por cima atravancado de mercadorias e bagagens pobres. Aliás, o balanço ameaça baldear-nos borda fora. Só um irlandês, suponho eu, magro e calado, vestido de ganga, passeia obstinadamente, horas a fio como um danado, de mãos nos bolsos e cachimbo nos dentes. Parece empenhado em fazer o percurso pedestre de Lisboa a Southampton. De vez em quando pára, olha um momento as ondas grisalhas, tira o cachimbo da boca e cospe para o mar com uma espécie de raiva... Reparo que lhe faltam alguns dedos da mão direita. Somos competidores, e a cada volta que dou esbarro com ele, encolho-me, e ele resmunga, contrariado.

Desejaria fugir daqui, mas uma corda atravessada no convés separa como uma fronteira o gado humano e o mundo dos homens, onde há luz eléctrica a jorros, tilintam copos e rangem violinos. Atemorizado com a imobilidade a que, durante três dias e três noites, me vai condenar a escassez de espaço vital, a mim, andarilho de nascença, impedido de andar pelo irlandês da maratona, dirijo-me a um *steward* imberbe e digo-lhe no meu mau inglês, que ele entende de resto muito bem:

— Onde é que eu posso passear a bordo? Aqui não há lugar nem para esticar as pernas.

Ele olha-me cortesmente na fatiota nova, comprada para a jornada, e diz:

— Oh, o senhor pode passear onde quiser. Isto aqui — acrescenta com um jeito desdenhoso — é só para espanhóis e portugueses!

Supõe-me com certeza passageiro de outra classe. Irrito-me:

— Obrigado. Eu também sou português!

Ouçõ o lacaio murmurar, perfilado atrás de mim:

— *I'm sorry, sir!*

Volto para junto dos galegos que bailam, em baixo, ao som da muinheira triste, salvando à terra natal que se aproxima, e dos portugueses que partem comigo, dos sírios e polacos — doentes, pobres, amarfanhados — que regressam do Eldorado e do sonho: para o cheiro dos vômitos, da malta, da creolina. Nunca me senti tão perto de todos eles, tão solidário com todos, nem tão longe do mundo hostil e estranho lá de cima. É deste que eu fujo, é para eles que corro... (Começo a compreender, com espanto, o que me move: um desejo de identificação com os humildes

deste mundo...) *For Spanish and Portuguese people only*: tão certo é que o prestígio e a grandeza dum império refulgem mesmo na alma do último dos seus lacaios.

Deitado na cama miserável, transido de frio debaixo da manta de presidiário que, se me cobre os ombros, me deixa os pés desabrigados, ora gelado ora sufocado de calor, escuto as convulsões da hélice que sacodem pavorosamente a ré, quando a larga ondulação do mar a deixa a descoberto, e olho através da vigia turva os vagalhões verde-gris do mar, irados, cristados de espuma, e ranjo os dentes — tinha que haver o inevitável ranger de dentes! — repetindo comigo mesmo a frase do *steward*. Piratas!

Os balanços do navio mal lotado fazem-me andar as vísceras num badanal. Umas vezes tenho a impressão de que estômago e fígado, despegados, feitos numa bola amachucada, se precipitam para o baixo-ventre; outras, parecem marinhar, pegados às costas, à procura da escotilha da garganta. Mas não enjojo: é a terceira vez que cruço estas paragens agitadas, e nunca enjoei. Valha-nos isso. Levanto-me, torno-me a deitar, faço esforços para pensar, ler, distrair-me, tudo em vão. H. G. Wells deixou de me interessar desde que vi que só posso entendê-lo à força

de dicionário. E a luz é péssima, pior que o meu inglês. Desisto, mas guardo a angústia da ignorância.

Quando o balanço se agrava, ouço gritos e gemidos de crianças e mulheres. Vindo das cabinas vizinhas, de que me separa um tabique de metal reticulado, sem rodapé, um líquido suspeito escorre na corticite escalavrada do chão, e, com ele, espalha-se o cheiro dos vômitos e da urina. *For Spanish and Portuguese people only...*

Não há perto daqui um lugar onde a gente satisfaça uma necessidade: tenho de me vestir, sair da cabina, molhar os pés nas escorrências, percorrer uma grande distância, subir e descer escadas de ferro por onde sopram ventos desabridos. Pelos corredores e passagens esbarro com gente aflita que caminha aos tombos, em ânsias, agarrada a corrimões, a paredes pegajosas, procurando alívio. Consigo descobrir enfim o alvo da minha busca, mas sinto que me desequilibro, foge-me um chinelo, e o vento, entrando-me por baixo, esfaqueia-me até ao estômago... Volto a correr para a cabina.

Tinham-me dado primeiro um camarote sem vigia, interior, todo atravessado de canos a esquentar, asfixiante, com um cheiro irrespirável de pintura naval. (Tudo a bor-

do parece revestido de massas de tinta acumulada a cada viagem.) Como protestei, num inglês em tudo digno do lugar, mudaram-me para a cabina frígida onde agora estou, com dois beliches, mas três camas desocupadas, que todo o tempo vibram com um bate-dentes de sezões frias.

Aborrecido, para passar o tempo, procuro entreter-me a lavar os dentes: mas a água turva e amarela da garrafa, que provém dum pequeno tanque encaixado na parede, donde sai também a escassez de água em que se lava a cara, tem um sabor detestável. Renuncio a beber, a bochechar, a fazer a barba. Serei um reflexo do que me rodeia, pior que uma enxovia. As coisas sórdidas rebaixam o homem, desmoralizam-no...

Os *stewards* entram sem bater, sem pedir licença, sem me dirigir a palavra: como se eu não existisse. Fazem a limpeza, as camas, mudam a água do tanque na parede. Rosnam entre dentes coisas que eu não entendo. Parecem carcereiros, e eu, eu tenho a impressão de que vou numa leva de condenados...

Da cabina quase fronteira à minha chega-me a voz macia da madeirense que vai para os Estados Unidos jun-

tar-se ao marido, com três filhinhos que mais parecem três cordeirinhos condenados à degola. (É diante destes humildes, abandonados de toda a protecção, que cresce o orgulho e o desdém que os impérios nos votam.) Simpática e bondosa camponesa, a tudo o que lhe digo ela responde com um «Yé, meu senhor» de cortar o coração. Dir-se-ia que perdeu a língua materna, e ainda não descobriu a madrastra. Olha-me com espanto: será possível que eu, um «senhor», vá também para a *Amérecá*? Como se a terra da Fortuna fosse apenas a Meca dos esfomeados... Já lá passou alguns anos, e lá lhe nasceram os dois mais novinhos. O marido é tecelão no Batefete: «Temos separados há quatro anos!» E ela volta para o grande sonho da prosperidade, onde não falta o pão da boca para os hóspedes submissos. Yé, meu senhor!

Os meninos enjoam, perderam o apetite. A mais velha rói perpetuamente uma casquinha de laranja ou de limão. E o mais pequeno, de cachené enrolado no pescoço delgadinho, olhos amarelentos, tem um sorriso dócil, descarnado e triste. A mãe, gorda e calma, tem uns olhos negros e bondosos, e este sorriso de humanidade canina que se observa nos pobres hereditariamente resignados à sua sorte.

— Vendemos a nossa caseinha... Foram-se as economias todas! Nem *cracas*¹ havia pròs meneinos!

De vez em quando levanta uma das várias saias, e de não sei que profundidades tira laranjas, ou o lenço com que limpa aos filhos os ranhos e babas dos vômitos, para lhes dar como remédio uma golada de aguardente de cana: «Doze mel-réis o leitro, yé, meu senhor! Uma caresteia assim, e não na pode a gente já fazer, como anteigamente... É proeibido! Já um pobre de Creisto não pode beber o seu copeinho!»

No meu turno, à mesa, comem polacos, portugueses, alguns britânicos de classe baixa (irlandeses pela certa), um casal alemão incommunicativo, uma comprida família de sírios que regressam do Norte do Brasil, com meninos ictéricos, e outras pessoas da mesma casta. À minha direita senta-se uma polaca que volta de Buenos Aires: alva, loura, carnes de medusa, uma incipiente obesidade, é o tipo das novelas de «tráfico de carne branca» e do jorna-

¹ *Crackers*: bolachas.

lismo barato, à *sensation*. Em frente, ele é o clássico figurino do cáften de baixo quilate.

Durante algum tempo, à mesa, pretendem ambos fazer-se passar por franceses, a ajuizar pela trapalhada linguística em que fingem conversar, com um *oui-oui* encaixado aqui e além. Quando a certa altura me volto para o chulo e pergunto:

— *Vous êtes polonais, n'est-ce pas?* — ele empalidece, embrulha-se, e responde precipitadamente que sim, ou antes, não: *madame* é francesa, de Paris (tinha de ser!), mas ele é com efeito polaco, e como foi que eu adivinhei?

— Oh, é muito simples. Lê-se-lhe na cara, o seu tipo é-me familiar, e depois o sotaque!

O homem encavaca, a conversa desfalece, e continuamos a tragar a inqualificável beberragem que a bordo se chama café, e que eu diria ser água de panelas, se não fosse tão negra e amargosa. Porque é que esta gente pretende passar pelo que não é? Este pobre judeu espancado e perseguido na terra natal não tem pátria, como tantos homens. A bestialidade da existência fez dele talvez isto que aqui vai — um *souteneur* vulgar da rota de Buenos Aires. Agora é Paris que os atrai como um porto de abrigo... Por quanto tempo?

Madame tem um olhar muito doce, pestanudo e submisso. É (ou melhor, foi) realmente bonita, um rosto de linhas delicadas, as carnes suaves, mas, a ajuizar pela simples inspecção visual, bastante amolecidas pelo excesso de uso. Deve ter sido no seu tempo uma boa fonte de receita. Reformada, talvez umas economias... Serão amigos, casados? Ela traz consigo um macaquinho, creio que saguim, que comprou na Baía, e aninha-o nos joelhos. Durante as refeições alimenta-o ternamente com pedacinhos de cenoura cozida e outros mimos (isto é bom para macacos), e não tarda que ele passeie em liberdade no chão e em cima da mesa, metendo os quatro órgãos preênses nos pratos dos comensais, sem cerimónia. De repente (subiu-me ao ombro) desata a puxar-me uma orelha, e tenta morder-me. Tem ciúmes de me ver falar com a dona!

Mas ela mal me responde, de olhos baixos, no seu franciú de *maison close* ultramarina, onde não chegam ecos dos serviços culturais da França no exterior. A questão é que eu não tenho com quem falar, e as minhas intenções são as mais lisas. A meio da conversa (tinha virado a cara, a servir-me) surpreendo o cáften a abrir-lhe muito os olhos e a fazer-lhe sinais: deve estar a preveni-la contra

mim, tomam-me talvez por espião, com este nariz! O certo é que a dona, cujas carnes os olhos dos outros comensais apalpam vorazmente, a dada altura desaparece da mesa, e só volta a surgir de longe em longe no *deck*, com o símio acorrentado e um livro na mão, que não lê. «Está enferma», explica o chulo. Enjoou a comida. É uma lástima! Não resta agora à mesa nada para que valha a pena olhar.

Mentira dele. A culpa foi minha, que no meu tédio náutico teimei em despertar uma chispa de *esprit* na gelatina da alforreca, apesar da hostilidade do saguim e do olhar desconfiado do empresário. Mas a pobre não tinha mesmo nada que a aguentasse no papel de *parisienne* de exportação, e, gaguejadas duas frases macarrónicas, resolveu bater em retirada. Passa a maior parte do tempo na cabina. O símio, que a defende literalmente com unhas e dentes, lá fica a fazer-lhe companhia. Ao menos, com ele, a pobre mulher pode externar reservas de ternura que os homens a ensinaram a esconder ou disfarçar. O amor dos animais é gratuito, mas compensador. Entretanto o chulo, de nariz achatado de *boxeur*, passeia no *deck* com ar de aborrecido, mastigando um palito sujo, em pantufas e de boné de pano puxado para os olhos, como em casa.

Depois de uma conversa habilmente conduzida (ainda não perdi de todo o hábito dos interrogatórios!), junto da amurada e debaixo da ventania desabrida, averiguo que viveram algum tempo no Sul do Brasil, de onde certas «dificuldades» — oh, nada de extraordinário!, apressa-se ele a corrigir, relanceando-me um olhar inquieto — os levaram a fixar residência no rio da Prata. Que novas «dificuldades» os fazem regressar agora, ainda na flor da idade, à Europa em começo de crise, não chego a averiguá-lo. À cautela, ao separarmo-nos, apalpo discretamente o bolso onde levo os magros vinténs...

Engaiolados nas profundezas da terceira, espécie de porão com a escotilha aberta ao vento e à chuva vêm os galegos que regressam da Argentina. Na realidade, chama-se àquilo a classe «emigrantes». Quando a sineta fatídica das refeições ressoa pelas entranhas fétidas do *Arlanza*, precipitam-se numa algazarra de esfaimados para o acaanhado refeitório. Comem no segundo turno, e eu no primeiro: não sei se melhor se pior, são ambos péssimos...

De vez em quando, do abismo da escotilha sobem des-

cantes, muinheiras e o raspe-raspe do baile. A cerveja escorre, choca, morna e sem espuma. Durante a viagem até à Corunha, os homens gritam, discutem com veemência, insultam-se e protestam. Surpreendem-me: não são como os galegos da minha Lisboa velha, que me habituei a julgar dóceis, risonhos e bem-dispostos. O Novo Mundo azeudou-os e envelheceu-os.

De repente a algazarra aumenta, e apuro o ouvido: alguma coisa de subversivo se passa lá em baixo, na fossa-das-feras. Não tarda que um deles, pequeno, magro e eloquente, de barba azul no rosto macilento de tuberculoso, em quem se adivinha o *leader*, bote discurso contra a desconsideração de que estão sendo vítimas: reclamam, querem melhor café, simplesmente café, «*que sea café, vamos!*» Dá-lhes talvez coragem a proximidade da Pátria? Se não, porque esperaram dezoito dias para reclamar? Ou serão hábitos ganhos na Argentina, onde apesar de tudo a catarse do Grito ainda é consentida? Protestam agora todos lá em baixo, ao mesmo tempo, em apoio do *leader*.

Pergunto ao *steward* insolente, que, de bandeja na mão, mira a cena com arianíssimo desdém, por que motivo, vindo este navio dos portos do Brasil onde estão queimando ou

deitando ao mar montanhas de café, somos forçados a ingerir aquela mixórdia salobra e gordurosa, infusão de pó-de-sapato ou fava torrada, a que chamam café? Não sabe responder, encolhe os ombros:

— Na primeira ninguém reclamou! Talvez o senhor prefira chá? — indaga, sempre em atenção à minha farpela.

— Mas o chá ainda é pior!

Quanto a ele e aos passageiros da primeira, que vêm olhar o tumulto lá de cima da balaustrada como duma galeria sobre o circo das feras, sorrindo e empunhando os charutos e os coquetéis — os homens de *smoking* ou *evening jacket*, elas decotadas, com abafos de peles nas delicadas espáduas sardentas —, para este gado moreno e ossudo, deformado pelo trabalho, qualquer droga serve: *for Spanish and Portuguese people only...*

Como o protesto sobe de tom e assume o carácter abstracto duma insubordinação — nunca se sabe até onde pode ir o furor destrutivo duma malta de mãos vazias! —, o comissário foi chamar os oficiais, que comparecem, todos de branco fardados, bordados a oiro, impecáveis, cheirando aos havanos e aromas da primeira classe, com o riso

cínico e cheio de maus dentes, como só é possível num rosto de nórdico loiro, e procedem a um inquérito rápido e formal. O *meneur* azedo e tuberculoso é repreendido, e ameaçado com o calabouço.

Então, intimidado pela presença do Império, embarcado com a língua em que lhe falam, abandonado pelos camaradas de há pouco, o infeliz perde a eloquência, empalidece mais, encolhe-se e sorri, desfaz-se em tartamudas explicações: não está seguro do que o espera na Corunha, se desembarca preso e o entregam à *Benemérita*... Faz-se o silêncio momentâneo lá em baixo, e os espectadores retiraram-se da balaustrada a rir, e a trocar comentários com os galantes oficiais.

Ah, destes tristes diplomados na escola da miséria e da humildade, que haverá a esperar? a revolta cega e desvairada? a submissão abjecta? Como fazer a Cidade com tal arremedo de Cidadãos? E eles, que voltam mais pobres do que partiram — porque, sem nada terem ganho, gastaram o tesouro insubstituível da Ilusão —, tentam afogar a humilhação inebriando-se de má cerveja e música: torno a ouvir a gaita-de-foles, os pandeiros e as flautas. É a Galiza, que eles levaram consigo e tornam a trazer no coração.

Quando o navio lança ferro na Corunha, sobem todos à luz do dia, exibindo os melhores trapos, os anéis de ouro-besouro, os cachenés de cores vivas, os xales de festa; amontoam-se no convés as cadeiras de viagem, os baús de lata amolgada, as malas esbordoadas, as trouxas, na humidade e aflição do desembarque. Já esqueceram o mau café. Acenam de longe à terra, que responde. Têm lágrimas nos olhos, cantigas e risadas na boca. Em frente a Galiza, toda verde e enevoadada como um poema dos Cancioneiros, parece triste, recolhida e misteriosa. Chove. Os meninos chupam os dedos, agarrados às saias das mães. E um pequeno sírio cor de cidra, com os queixos amarrados da papeira, corre excitado, apavorado, roendo uma côdea de pão, com gestos de anormal.

Chega lá de cima, do céu da primeira, uma rajada de *jazz*. Os viajantes olham a cena da amurada, e riem-se. As bagagens empilham-se desordenadamente no rebocador, que dança nas ondas. As mulheres gritam de susto, as crianças choram. Mas vale a pena arriscar a vida para sair do seio deste monstro, onde uns viajam, e outros são viajados.

Já no dia em que embarquei a tinha entrevisto pela porta da cabina, gemendo e cuspiendo sem parar no escar-

rador ao lado do beliche, perdidamente enjoada, a espreitar a espaços numa fúria histérica, aos gritos, com duas ou três mulheres a tentar acalmá-la. Pedia vingança em altos brados, parece. Diziam-na perigosa: entre o Brasil e a Madeira tinha atraído aos abismos pestilenciais da cabina dois pobres machos esfaimados — para depois se pôr aos gritos e mandá-los prender! (Lá estão na gaiola). A bordo dum paquete inglês, um acto destes é quase tão subversivo como reclamar café com cafeína...

É uma pobre turca (ou talvez libanesa) pequena e escanzelada, com um buço de recruta, um sorriso descarnado e doente, e uns joelhos repugnantes que mostra de bom grado aos homens que circulam no *deck*, ociosos, agora que aliviou o mau tempo e ela veio de novo à superfície fazer *tricot*. A desgraça tem a sua história. Vem de Buenos Aires. O marido embarcou com ela, na intenção aparente de regressar ao Levante, trazendo para bordo as malas, e toda a traquitana de mercador ambulante. Quando a apanhou distraída a correr o navio, na alegria da viagem e dos trapos novos, no último momento esgueirou-se para terra. E ela, em gritos de desespero que ninguém

podia entender (não havia outros turcos a bordo, e os sírios só embarcaram no Brasil), viu-se abandonada, feia e magra, no bojo do monstro acelerado. Ninguém se importou com o seu drama. O *Arlanza* não fez marcha à ré, nem parou. Então, num impulso de loucura, a infeliz desatou a atirar pela borda fora, para o rio da Prata, vestidos, camisas, saias, recordações, o pecúlio de longos anos de escravidão, e todo o luxo de viajante de volta à terra. Para que lhe servia agora aquilo, se não tinha o seu homem? Lá deixou quase toda a bagagem, mas não a carcaça, ou porque lhe faltou a coragem, ou porque a quis conservar para se vingar dos homens. Mas, depois da triste experiência dos dois primeiros, todos fogem dela, dos seus olhos de cabra, negros e misteriosos, onde se enxerga a imagem da cadeia numa luz sinistra de vingança mulçumana. Ninguém a quer ajudar a vingar-se. Cruzes!

Quem me contou isto foi o pescador português que volta pela quarta vez à América, para pescar, como um mareante do tempo dos Corte-Reais. Já lá viveu muitos anos seguidos, mas agora viaja para cá e para lá, conforme lhe dá na veneta. É moreno, seco de carnes e modos, filosófico. Lê livros, anda sempre de óculos grossos, palito

de osso nos dentes, de boina basca e botas de pescador. É filho da Figueira, segundo me diz. Vê-se que é homem vivido, senhor de si, sem fronteiras nem courelas na cabeça. O mundo e o mar são dele, tendo por únicos limites os direitos do próximo. Exprime-se bem, com precisão. Parece mais um caçador que um pescador, talvez porque a sua especialidade foi em tempos arpoar baleias. De vez em quando desaparece para se ir barbear — duas vezes por dia —, depois volta ao *deck*, de palito na boca, para estudar o mar e sopesar a polaca:

— Aquilo é que ela é boa! Oh senhor, uma lasca assim, e ele um trinca-espinhas! Lá na América, as polacas...

A presença dela, na ociosidade, dá-lhe pensamentos pouco ortodoxos. Quando ela se some, acompanhada do saguim aos pulinhos, ele desaparece também, irritado. Vai talvez rondar-lhe a porta do camarote. E o chulo, um fracalhode, anda inquieto e pálido, fareja o perigo, o rival... A bordo é preciso manter a linha, acabou-se o negócio, são gente respeitável.

É o mais inteligente, se não o único, deste nosso bando triste. Olha os compatriotas, os humildes das ilhas ou os perporrentes das serras, com um misto de ironia e es-

tranheza. Gente da terra, do campanário, de jeiras e tor-nas e partilhas, não é com ele. Não tem raízes na terra, é livre, as *dolas* e *prupiedades* não lhe interessam. Quando não lhe agrada a conversa dos campónios, franze a testa, dá-lhes costas e vai-se pôr a olhar o mar tempos infindos, mas sem nostalgia nem contemplação: com o ar estudioso e crítico dum conhecedor. No mar não há conservatórias nem requerimentos. Compreende coisas que escapam aos outros, tem o espírito aberto e liberal. Faz contas prodigiosas de cabeça, conversões de moedas inglesas, portuguesas e americanas. Não é, pois, que o dinheiro não lhe interesse: até me deixa entender que também andou no contrabando da cachaça, ao longo da costa do Leste...

E no entanto, este homem calmo e forte, solitário e perfeitamente senhor de si, tem, ou teve, o seu drama... Foi casado, em rapaz, com uma portuguesa de Gloucester, mulher de alguns haveres, que lhe deu um filho. Por algum motivo que ele não diz, tempos depois estavam separados: morreu há bastantes anos. Ele criou o filho como uma mãe: noites em claro a embalar-lo, a dar-lhe a chucha, a mudar-lhe os cueiros e fraldas, as roupas do berço. Fazia-lhe a comida, levava-o a passeio. Quando saía para

o mar, deixava-o aos cuidados duma vizinha, mulher de idade. Custa-me visionar este arpoador de cachalotes, queimado e seco, de óculos grossos, entregue aos desvelos maternos dum bebé... O rapaz cresceu, foi à escola, instruiu-se, e o pai orgulhoso mandou-o ao *college*, à Harvard, fez dele engenheiro... Lá inteligente era o gajo. Bem-comportado, obediente, amigo de agradar. Nunca lhe tocou com um dedo, ao contrário de tantos compatriotas.

— Mas aquele ladrão iludiu-me, saía à mãe! Quando se apanhou formado, andava lá metido com gente da alta, em Boston e Cambridge, e casou-se com uma rapariga americana, com bago. Até me admira, que elas pouca importância nos ligam, e para mais filho de pescador... Ela devia estar pelo beijo, bonito rapaz! Era o meu tipo, mas branco, a cara da mãe... Pois nunca mais me procurou! Nem um postal no dia dos anos, ou pelas Crismas. Já tem chegado a passar por mim na rua, com ela de braço dado, e atravessa prò outro passeio só pra não falar a quem o fez e o criou. Vá lá querer bem a um filho, matar-se por ele...! Vendi a casa, vendi tudo, e voltei prà Figueira a esparecer uma temporada. Agora só vou à América quando me dão saudades do mar, ou da pesca...

Volta-se para o Atlântico e fica a olhá-lo um pedaço. Depois, sem amargura nem queixume:

— Assim é a vida. E não há remédio. Sempre a gente vai achando algum consolo... O raio da polaca. Aquilo é que ela é um pedaço duma mulher, senhor! E ele, se cahar, vive à custa dela...

Desaparece, escuro e carrancudo, para se ir barbear.

Dos continentais que embarcaram em Lisboa, com destino à América, alguns inquietam-me, mais do que me inspiram simpatia. Pertencem à categoria dos que só falam de terras, divisórias, frutos, foros, rendas e pensões, e discutem iluminações eléctricas e melhoramentos, que um deles chama «improvements»¹ em luso-americano. São loquazes, enfáticos, suficientes como Doutores de Sebenta (imitam-nos, decerto), sobretudo quando, num português poluído de mau americano, louvam as grandezas materiais da pátria adoptiva, por não lhe conhecerem outras, ou os progressos que vieram desencantar na terra-mãe.

¹ *Improvements*.

Este tem o pai algures no Massachusetts, lojista (já o devia ter adivinhado), e leva o tempo a moer-me a paciência com as consabidas caçadas às perdizes, crimes de amor provinciano, escândalos e roubalheiras públicas, que lhe dão uma volúpia: conta-as com o acinte de quem justifica as mazelas próprias com os erros e fraquezas alheias; como se a vida assim o absolvesse. Remata-as sempre a rir: «Era só dar-le um tiro, àquele ladrão!» Vê-se perfeitamente que os admira e inveja, quando escapam à Justiça. E narra-me, julga ele, toda a história dos Malafias, atrapalhando-a sem remédio.

É sobretudo dos graúdos e influentes que ele gosta de falar, com um respeito instintivo de candidato a émulo: são esses que o atraem com o seu poder legalista, subtil e quase religioso; gostaria de ser da mesma laia. Quer por força que eu, lisboeta, conheça todos os juizes, advogados, conservadores disto e daquilo que há na sua comarca: como se eles fossem realmente a nata da humanidade, um mundo à parte, superior e olímpico, e Lisboa o seu feudo agradecido e deferente. A esta veneração abjecta pelo Grau, contrapõe ele um rancor inconsciente: um tal doutor é filho de padre, onde nasceu num curral de ca-

bras... Todos são de barro, como ele. Para o calar, finjo que aprovo e conheço. Mas não se cala.

Como chegou da América a arrotar postas de pescada, com uns cobres de representação, fatiotas novas e sapatos amarelos, ou doutores aldeotas deram-lhe importância, levaram-no às perdizes, lisonjearam-no mesmo pedindo-lhe emprestados uns contos de réis a juros. Conta-me os podres de todos eles. Também conhece uns sujeitos dos seus sítios que andam por Lisboa, nos governos e nas *polí-tecas*: «Tá lá um rapaz da minha terra, talvez vossemecê conheça, que é cabo da polícia nos Olivais...» Então não hei-de conhecer? Não conheço eu outra coisa, os Olivais... Como a palma desta mão! (Na verdade, como é que eu, alfacinha, posso ignorar aquela autoridade suburbana?! Acho-me imperdoável, estranho.) Ele olha-me algo desconfiado. Quem sabe se pensa que estou a mangar?

Volta agora para o Mass., impante, a juntar mais *dolas* para comprar mais terras, arredondar *prupiedades*, deslocar os pobres, rivalizar com os poderosos, fasciná-los, erguer uma casa «moderna» que assassine o carácter da sua aldeia. É o tipo do pobre que nasceu para ser rico, ou do rico que nasceu pobre por engano; do medíocre que aspi-

ra a mandar. Deve ser presidente ou secretário de algum clube ou sociedade colonial, onde os trampolineiros encartados arrebanham os pategos para melhor lhes falarem de Camões, que nunca leram, e lhes chuparem os dólares. Campónio ganancioso, furtivo e chicaneiro, é o oposto do rural bucólico da lenda: os seus olhos de louvado pesam a natureza inteira em termos de inventário e partilhas, a sua alma é feita de retalhos de bens, de courelas. É desta massa que se fazem há séculos os doutores de leis, cuja cultura coimbrã tem permeado, através do Poder, da influência, da submissão e da louvaminha, e a compasso do Fado gargarejado, a vida e a cultura portuguesa, reduzindo-a ao estado em que hoje a vemos em todos os sectores. Está sempre com quem manda, Deus guarde a V. Ex.^a, com a Ordem e a Conservação, e o seu olhinho manhoso e trocista reluz ao fundo duma locanda obscura, como o de um texugo que espreita a presa: a amontoar níqueis na esperança-de!

Há outro do mesmo género, mas em gordo, baixo e pastoso: enverga um sobretudo imenso, de lã de camelo, que parece herdado de algum nababo. Das mangas saem-lhe apenas as cabeças dos dedos, grossas como baquetas

de tambor, e luzidias. O cachecol de seda cor de sangue-de-boi dá-lhe um relevo violento à cara cheia, morena e barbuda, onde o nariz mal avulta, comido pela adiposidade invasora. Trombas de caceteiro ou quadrilheiro dos bons tempos. É *amaricano*, e não deixa de o repetir com ênfase. Também veio à Pátria comprar terras, e é amante do *Pugresso*. Para ele alguns quilómetros de estradas valem por todos os ideais. Quando fala de *dolas* e *prupiedades* parece um cabo de ordens em gozo de licença, e remexe as cabeças dos dedos, que espreitam das mangas como fantoches. Foi trabalhador de pá-e-pico, um «burro de trabalho», diz orgulhosamente, mas hoje é *bossa*, é patrão e *contrata* (*contractor*, empreiteiro). Bem sucedido, manhoso e boçal, é a corruptela do camponês em *kulak*, e só respeita os poderes da força e do dinheiro. Se tivesse ido para o Brasil no tempo das vacas gordas tinha voltado barão, ou pelo menos comendador. Retoma teimosamente o fio de uma história que ninguém entende nem escuta: «Pois como l'eu ia dizendo, tá lá agora uma junta de parróquia...»

Quando lhe falam dos tempos da crise: «Quais crise, nem quais desemprego! Eu maila patroa chegámos a fazer às setenta e oitenta *dolas* por semana!» Havia milhões de

desempregados, mas: «Nunca falta trabalho a quem quer trabalhar!» — um ponto de vista perfeitamente digno de um presidente da General Motors. Grande nação, a América. Nem quer que lhe falem nas Uniões operárias: corja de *racatias*! Muitos mártires têm sofrido e morrido para que este «operário», que odeia a sua classe, se aproveite de todas as conquistas e privilégios do Trabalho organizado: o seguro contra o desemprego, as pensões na doença e na velhice, o direito de organização e os contratos colectivos... A Liberdade é o seu pomar, mas outros o plantaram. Aspira a ser gente, fala de papo a respeito de quanto alcança o seu olhinho suíno e inexpressivo, detesta o presidente Roosevelt, vai às procissões do Batefete como na sua aldeia serrana, e é «irmão» do Santíssimo. (Saberá o Santíssimo da existência deste irmão espúrio?) E no entanto, ri-se com as histórias de padres do seu parceiro, e também conta algumas... É que os padres têm sobre eles a superioridade misteriosa de uma autoridade que não vem do dinheiro, mas do Inefável, do Latim e do celibato, e lhes atrai a clientela feminina.

É diante destes que eu às vezes pergunto, angustiado, se o Povo existe, se ele *ainda* existe. Tudo o que neles era

grosseiro e boçal se agravou e acentuou na brutalidade do ambiente que encontraram; e nada ganharam dos valores espirituais que a América tem para oferecer-lhes. Por quanto mais tempo é que os simples e os privados continuarão a confundir cultura com os valores puramente materiais, de aquisição? Quando aprenderão eles que, sem o espírito, sem os princípios, tudo o mais é caos? Na sua idolatria das Coisas (que não é só deles, pois a aprenderam com os seus Amos) permanecem retrógrados e de espírito tacaño. Os objectos, por enquanto, se elevam o homem, ainda o não libertam — ao contrário... Não é que só o sofrimento nem só a humildade me atraíam, nem que todo o êxito vulgar me seja repugnante: o tempo me ensinará a amar aqueles mesmos que, em tudo a mim avessos, revelam uma vitalidade, uma energia e capacidade de sobrevivência contra todos os azares, que me fazem orgulhoso de pertencer à mesma grei. Não somos todos filhos da mesma ancestral privação? É mais difícil amar os homens nos seus defeitos e fraquezas, do que nas suas, aliás hipotéticas, virtudes... Não, o que nestes me ofende e me impregna desagradavelmente, como uma fífia ou uma nódoa de gordura, é a mediocridade atroz e sem carácter de que

eles são parte e espalham em volta de si. São os aspirantes ao poder do dinheiro, que vêm neste a mola real, o *primum movens* de todo o progresso, e do seu próprio, lamentável triunfo!

Felizmente, há outros... Esta velhota toda de negro, xaile e lenço, que tem gemido quase sem cessar, limpando os beiços gretados, nunca na sua vida tinha visto o mar. Vem lá de cima das bandas de Montalegre, da serra de Larouco. É alta, de busto direito, com a dignidade de porte tão comum entre as mulheres do nosso povo, quando, já maduras e curtidas por todas as dores e trabalhos da vida, parecem retesar-se para resistir melhor, como o carvalho, aos derradeiros vendavais. Os olhos claros, o cabelo rigosamente apartado ao meio, tudo nela me faz lembrar a mãe de um querido amigo meu, que depois de o ter perdido parecia a encarnação da robustez na dor. Não deixa ninguém na terra, só mortos e recordações, e vai para a América juntar-se a uma filha casada que lá está. Como quem vai de romaria, traz um cabaz atestado de vitualhas: o capão assado, a broa, o queijo, as laranjas, não sei

quanto mais, tudo fresco e apetecível, que oferece aos companheiros de viagem, aos meninos doentes, espantados e cobiçosos. Ela não come, geme, vomita e escarra com um realismo digno de Gil Vicente ou de Brueghel: «Ai-Jesus, quem tal me dissera! Isto será assim até lá? Dizem que para as bandas da América inda é pior... Maria Santíssima, que não chego lá com vida!»

Os homens riem-se, cínicos, tentam consolá-la com palavras que a não convencem: «Isso passa, tiazinha!» Ela arreda-os com um gesto. Cada um sabe o que sofre. Ninguém a bordo tem remédio para a sua aflição. O caso é que não come durante toda a viagem, três dias a Southampton. Mas não perde a compostura nem o interesse pelos outros: «Traço ali umas laranjinhas, talvez vossemecê comesse uma?» — diz-me ela. «Nem sei pra que as troixe!» Imaginava talvez a jornada como uma saltada a Vila Real. Só de pensar na comida vêm-lhe vômitos. «Ele a América ainda ficará muito longe?» Torna a arrotar a vazio e benze-se. Tudo isto com uma dignidade de nobreza. O mal dela é a solidão, o ir-se pelo mundo aos setenta e pico, para principiar de novo.

— Ele por lá, que língua é que falam? Capazes de nem me entenderem!

— A sua filha vai estar no cais à sua espera. Não se rale.

— Ela mora lá pràs bandas da Providença: sabe adonde é?

— Não lhe vai faltar nada, santinha.

— Se não me der bem, volto pelo mesmo caminho...

Estou a vê-la que chega a Providence ou Pawtucket, e entrega a canastrinha à filha: «Pega lá, que estas são da nossa terra...» Talvez por isso ninguém aceite o que ela oferece.

Quem não gosta das anedotas de padres é a mulherzinha da Murtosa que nos acompanha: protesta, manda-os calar, e até deixou de falar com o das *prupiedades*, furiosa com o «derrespeito». Traz consigo dois garotos que não lhe pertencem, diz ela, como se isto de crianças fossem coisas que tivessem de «pertencer» sempre a alguém. Vai entregá-los a uma família de Lowell, se bem na entendo. E como eles são alegres, curiosos e irrequieten (e quem o não seria, daquela idade, a bordo dum grande paquete, e com semelhante tutoral!), trata-os com exemplar aspereza: «Demónios! Corja de canalha, mal-inducados, mà-raís os partira!» Chega-lhes tabefes, dá-lhes safanões, promete-lhes castigos medonhos em chegando à América, como se

a terra de Lincoln e Whitman fosse o Purgatório. Mas os dois meninos, de olho trocista e esperto, não parecem tomá-la a sério nem ganhar-lhe respeito, a não ser talvez o da hipocrisia, desgraçada escola. E continuam a fazer o que lhes pede a vitalidade. Ela então invoca o Santo-
-Nome-de-Deus em vão, com um brilho infanticida nos olhos pretos e duros como contas de vidro. Começo a achá-la parecida com a turca: em pior.

A boa mãe madeirense, essa é calma e tolerante. Tem uma crença elementar em Deus, e acha que «os padres são precisos», embora não saiba porquê: «Então quem é que nos havia de casar? e encomendar?» Tudo neste mundo e no outro tem a sua jerarquia. E sorri com bondade e deferência. A velhota de Trás-os-Montes, distraída com a conversa, sente-se aliviada do enjoo e já se ri para a da Murtosa: «Deixe-os lá falar, senhora! São homens, gostam de rir! A senhora não sabe que os homens não querem nada com padres?»

— E não! — diz logo o das *prupiedades*, alvar. — Com homens de saias eu cá não quero nada! Agora com mulheres...

A da Murtosa faz-lhe figas, e afasta-se para ver que

«judiarias» andarão a fazer os dois pupilos. Tem por força que ser «judiarias». Há-de haver um castigo! Mas surpreendo-a daí a pouco a olhar disfarçadamente o antagonista com um olhar de vaca em cio. Quer talvez convertê-lo por artes menos canónicas. É das que só se rendem a quem as subjuga e amachuca. Solteirona e seca, no fundo é da raça dele.

E o tempo corre nesta conversa peganhenta...

Vou encontrar a maioria destes compatriotas em Southampton, espalhados por hospedarias manhosas, à conta das empresas de navegação ou dos agentes de viagens. Todos eles com bandeirinhas na lapela ou no peito da blusa, para se não tresmalharem nem confundirem, como cabeças de gado com o «ferro» do dono. Aflitos, à procura do *Aquitanha*, diz uma, ou do *Manhatão*, diz a madeirense. O *Manhatão* tem três fogões!¹ Vejo uma espécie de melancolia nos seus olhos. Poderia a viagem ter criado entre nós um laço de simpatia? Ali nos separamos talvez para

¹ Chaminés.

sempre, a América é tão grande! Tratados como gado, ainda por cima os exploram mais que a mim, que embarco num pacote de luxo (é a segunda viagem do *Normandie*) e pago menos do que eles. Ainda lhes vou passar adiante no caminho.

Os filhinhos dela estão doentes, são três franginhos depenados. Levo-lhes aspirinas, tomo-lhes a temperatura. (Nunca vi médico a bordo.) A menina tem trinta e nove e meio. Dói-lhe a cabeça, a garganta, e vomita; continua a chupar uma casquinha de laranja. Não bebem leite...

Assim seguem viagem no *Manhattan*. Não os torno a ver, e tenho pena. Não sei que secreto carinho me prende agora a todos eles. Reunidos um momento pelo destino, logo este nos separa!

Quem eu perdi de vista para sempre foi o meu pescador da Figueira. Por onde andará metido? Chego a pensar se não terá descido em Cherburgo, atrás da polaca de Buenos Aires, que ali desembarcou a caminho de «Paris»...

De facto, na última noite da viagem, por sinal escura como breu, fui dar com ele num recanto do *deck*, de boina repuxada para os óculos, e sempre com botas de cano, debaixo da chuvinha fria da Mancha — agarrado à polaca,

a espremê-la em silêncio contra a amurada, como se lhe quisesse extrair os santos óleos. Logo vi que ela tinha pressentido nele o arpoador! Não avistei o chulo: só o macaquinho, preso da cadeia, guinchava debilmente, não sei se de frio se de ciúmes. A dona não lhe prestava atenção nem lhe dava pedacinhos de cenoura. E ele não mor- dia o estranho. Mas não há dúvida que tinha ciúmes: sempre ouvi dizer que os macacos têm hábitos bem esquisitos.

O VIAJANTE CLANDESTINO

Nesse ano — hoje tão distante no tempo e nos usos dos homens, que por vezes julgamos viver noutro mundo — o Dezembro correu muito menos frio do que habitualmente ao longo da costa do Atlântico: nevoento e chuvoso, e morno até, como se a corrente, vinda lá de baixo, do Golfo, antes de se alongar a caminho da Europa, tivesse querido acercar-se do litoral para o aquecer e abrigar melhor das águas gélidas que descem da Gronelândia.

O Natal estava à porta, e a neve sem chegar. Ora, um Natal sem neve nem frio não é festa nem é nada. Não ran-

gem trenós nas encostas e caminhos, não se vêem homens de neve com um chapéu velho na cabeça e o cachimbo entre os dentes imaginários, não há batalhas de bolas de neve, e nos tanques e lagos, que não gelaram, não pode a gente patinar de mãos dadas, com as faces vermelhas, o cabelo solto, e o cachecol a esvoaçar ao vento; não há gritos de júbilo e susto no ar cristalino, nem o tinir das guizalhadas —

*Jingle bells, jingle bells,
Jingle all the way...*

— que enche as noites estreladas dum eco de tempos lendários. Nos relvados, em frente das moradias, as árvores de Natal não espalham na alvura fofa do chão os reflexos silenciosos e multicores das suas luminárias, a sugerir calor, intimidade e hospitalidade. A natureza escura e molhada, a névoa e a chuva, os arvoredos hirtos e desnudados, tudo amortece o resplendor das casas e abafa os repiques dos campanários, que de outro modo encheriam a vítrea sonoridade da noite. Através das janelas irrompem no escuro os doirados clarões da festa; lá dentro, há sempre o mesmo entusiasmo e a mesma gula pelos presen-

tes do Santa Klaus, empilhados em torno da árvore fulgurante de luzes, nas suas embalagens de luxo e fantasia. E o viajante solitário e sem família que passa na estrada pode entrever com melancolia os pares que dançam, ou os rostos saciados e felizes em volta da mesa bem guarnecida, a que preside um gordo e tostado peru. O Natal fica doméstico e recolhido, e perde a alegria pagã que ecoa de risos e apelos juvenis nos bosques e nos vales. Não, um Natal sem neve, um Natal que não seja «branco», não é festa nem é nada: parece um *Thanksgiving* que se atrasou no calendário.

Ora isto deu-se (ou melhor, começou) em Baltimore, que é uma cidade algo sombria, pacata e ordeira, embora muito menos triste do que a visionou o nosso Poeta — «cidade triste entre as tristes, ó Baltimore!» Ou talvez as sineas das locomotivas tenham esquecido a rima do sinistro *Never more, never more*, que ele julgou ouvi-los clamar, ecoando o Poe. É preciso sair do centro, e percorrer os subúrbios, para se encontrar a atmosfera própria da «estação festiva». Quanto aos cais, são soturnos, caóticos,

confusos, e aqui e além ameaçam ruína os hangares e baracões grisalhos, como velhos pardieiros ou igrejas rústicas abandonadas. São tão tristes os portos decadentes, sobretudo de noite e nas épocas de crise! Mas respira-se uma poesia sugestiva nestes molhes de estacaria limosa e negra, onde as marés, cansadas e oleosas, vêm bater de manso o ritmo da sua canção de amor à terra. Há cidades que parecem viver na intimidade dos dramas e segredos do mar; onde este está sempre presente, em convívio com os homens. E nada fala tanto ao coração do errante solitário, como este apelo eterno do mar, junto aos cais.

Foi a um destes molhes meio esbarrondados que o navio atracou pela manhã de vinte e quatro de Dezembro, vindo do mar aberto e azul, da África e dos trópicos. Era um velho cargueiro esgalgado, de alta chaminé enfarruscada, com grandes remendos no casco a desfazer-se em ferrugem, e a linha de flutuação muitos palmos acima das ondas: uma dessas ruínas obscuras que singram vagarosamente os sete mares do mundo, coxeando em busca de freguês, com roupas mal lavadas a enxugar pelos cordames, e alguns marujos esqueléticos acotovelados às amuradas, a olhar a terra estranha. Um navio, em suma, que po-

dia ter inspirado um conto triste a Joseph Conrad ou a Pierre Mac Orlan.

A sua carga era pobre e variada: óleo de palma, cocos, bananas verdes em começo de putrefacção, amendoim, duas dúzias de fardos de algodão, e um macaco mais ou menos domesticado, que adoecera em viagem e gemia numa cama de trapos, com febre, queixoso da invernia.

Também vinha a bordo um passageiro, um só, de que não rezavam os livros de navegação e que não pagara a passagem, entregue ao cuidado cúmplice de dois marinhheiros: escondido nas entranhas gemebundas do calhambeque, num cubículo sem ar nem luz, junto das carvoeiras, na companhia das ratazanas. Quem era e donde vinha ele? Ah, mas são perguntas, essas, que se não fazem nunca a um destes homens magros, de rosto antes do tempo engelhado pelos trabalhos, as privações e os ventos forasteiros, com os olhos negros a luzir sombriamente de medo e desconfiança no fundo das órbitas encovadas. Viria de Marrocos, valhacouto de tantos desgraçados? das Ilhas Perfumadas? da Costa d'África? Ninguém o diria, nem que o soubesse, e ele menos que ninguém. A ilegalidade tem as suas leis, a sua moral e as suas combines, e o silêncio é

a regra de ouro dos pobres deste mundo. Quem o pusera a bordo? Quem o mantinha e sustentava ali, durante a noite, em segredo, com os restos miseráveis do rancho da tripulação meio andrajosa? — Mistério, mistério! A solidariedade é outra lei sagrada entre os homens que vivem à margem da vida.

Tinha embarcado pela calada da noite nalgum porto desolado das Áfricas ou dos Arquipélagos, e é tudo. Alguém o tinha guiado em silêncio no labirinto ressonante do cargueiro, e ali o deixara como um rato de porão. E ali, na sombra sufocante, tinha transposto as claridades sem limites do oceano tropical, para dar entrada no Inverno americano.

O *Maria Alberta* — chamemos-lhe assim, escondendo-lhe o nome verdadeiro e a matrícula —, cumpridas as formalidades da lei, despejou no cais deserto e cinzento a escassa mercadoria. Os guindastes e cabrestantes rangeram, as roldanas guincharam nos cadernais, os botalós descreveram no ar baço a sua incerta acrobacia, e os fardos, caixotes e engradados deram entrada nos hangares varridos de ventania. A noite chegou cedo, e tudo recaiu no silêncio. Os guardas e funcionários do cais foram-se quase to-

dos embora, e o *Maria Alberta* sumiu-se no esquecimento e na obscuridade, como um cavalo cansado e lazarento ao fundo duma estrebaria.

Era a véspera de Natal, e cada qual procurou o seu conchego, a família se a tinha, ou o recanto enfumorado dum bar de tectos baixos, com mulheres esgrouvinhadas e descoloridas sob a maquilhagem, a beberriar *whisky* de má raça e a meter moedas num *juke-box* trepidante de melodias quentes e ensolaradas, de Califórnia e coqueirais que só existem no sonho e no celulóide. Para os homens que rastejam à superfície do globo e da vida, de porto em porto como se pátria nenhuma os aceitasse, não há outro refúgio senão esse: e no fim, uma cama de aluquer e uns braços de empréstimo.

O silêncio correu sobre os molhes e hangares, raras luzes brilhavam, poucas conseguiam vencer a espessura da névoa a desfazer-se em chuva. Os mastros dos cargueiros atracados em feixes perdiam-se no céu encarvoado. Mas a neblina cria sempre, em volta dos portos, um manto de abrigo e clandestinidade.

O capitão desembarcou, à paisana, e foi à sua vida: tinha uns negócios quaisquer a tratar em Filadélfia. Atrás

dele foi-se o imediato, depois alguns oficiais e pilotos, o enfermeiro, e até marinheiros. Alguns destes levavam uma garrafita duma aguardente intragável, a que chamavam *brandy*, com que esperavam lubrificar a boa vontade dos funcionários da Alfândega, de modo a passarem sem a apalpação da ordem nem a inspecção aos embrulhos.

Os funcionários, quase todos irlandeses, nutridos, bem pagos e agasalhados nos seus quentes e macios uniformes, olhavam com um misto de dó e espanto ou ironia aqueles pobres marítimos magrizelas e mal barbeados, que tiritavam dentro das farpelas de ganga ou cotim desbotado, com remendos, raros deles envergando um jaquetão razoavelmente coçado, e com a gorra de malha ou boina basca na cabeça. Que diacho de candonga é que eles podiam transportar? Nenhum trazia com certeza ouro, diamantes ou coca... Aceitavam a garrafita e deixavam-nos passar: «*Merry Christmas!*» Depois voltavam ao seu póquer, ao cachimbo e ao copo de *bourbon*. Os marujos sorriam, humildes, esfregavam as mãos enregeladas, e desapareciam ao escuro, com as calças enrodilhadas nas canelas, convencidos de que tinham ludibriado a vigilância do Departamento do Tesouro. E que iam eles fazer na terra

dos dólares, em noite de Natal, com as suas pobres roupas e os seus magros bolsos de embarcações?

O passageiro tinha subido, já noite fechada, das entranhas da carvoeira, para se esconder numa clarabóia do convés, sob a qual havia espaço suficiente para um homem se deitar, como num esquite. (Já ali tinham viajado outros, durante dias e até semanas, e um deles, por sinal, apanhado pela dura invernia do Norte — os cordames eram estendais de gelo! —, com as roupinhas leves em que vinha do Brasil, ficara tolhido para o resto dos seus dias.) Não comia desde que, manhã cedo, lhe tinham levado o café amargoso e a bucha de pão; a fome roía-o, e depois do calor abafante das caldeiras, o frio húmido da noite inteiriçou-o. Ali encaixado, ouviu vozes de comando, risos, passos de homens que desciam a prancha, os ecos de ferro do navio despejado. Esperou que, tudo sossegado, o viessem pôr em liberdade. Mas o tempo corria, naquela imobilidade, e a impaciência dele cresceu: Que raio esperavam eles para o tirar da toca? Iriam esquecê-lo, deixá-lo a bordo sozinho, metido naquela urna, a morrer de

fome e frio?... Haveria dificuldades imprevistas ao seu desembarque?... A noite avançava com um vagar exasperante, e ele tinha pressa. Apertava ao corpo, para se aquecer, o saco onde encerrava os poucos haveres.

Tinha entrevisto na noite, ao chegar ali, os perfis dos barracões do porto, mais longe fábricas, prédios, o clarão mortiço da cidade. Estava na América, a dois passos do trabalho e do pão, a um salto do seu destino. E o coração batia-lhe de anseio. Já tinha regularizado contas com os marujos que o tinham posto a bordo, escondido e alimentado. Se havia mais alguém por detrás deles, isso não era da sua conta. Restavam-lhe algumas *dolas* no fundo de um bolso das calças. Junto delas, retinha na palma da mão suada um papel puído com um endereço, esse ponto perdido na imensidade da América desconhecida: Patchogue ou coisa assim, para lá de Nova Iorque, em Long Island, a quantas léguas seria aquilo de Baltimore, e quanto teria ele de palmilhar às cegas, para alcançar o seu destino?! (Se lá chegasse...) E uma data de números, de portas e ruas, isso ele não entendia, não entendia nada, não sabia patavina de inglês, só sabia que estava ali à espera que dispusessem dele, para começar vida nova, ou então... So-

zinho, diante do desconhecido. Não conhecia ninguém, nesta terra envolta em noite e humidade. Inquietava-o pensar em tudo isso, ali móvel, impotente, com o coração do tamanho dum feijão a zumbir-lhe no peito apertado.

Sonhava com a América havia muitos anos. Vinha em busca dela como, quatrocentos anos antes, e mais, os seus antepassados (isto é um modo de falar) tinham andado em demanda da Terra Firme, do El Dorado e do Xipango. Esses porém eram mais felizes, não precisavam de passaporte, o mundo era então um mistério aberto à curiosidade e ambição de todos! Ele viajava escondido, embora não buscasse ouro nem prata nem pimenta. Tinha dois braços, sabia pegar numa enxada ou picareta, queria trabalhar. E se o ouro não andava agora a pontapés, quem caminhasse de olhos no chão ainda podia topar aqui e ali com algum *penny* perdido — assim tinha ouvido dizer a um tranganhadas dum alemão que da América voltara com dois patacos, e ele conhecera algures. A lenda do Novo Mundo ainda não tinha morrido no coração, ou seria no estômago?, dos homens. Para alcançá-lo, tomara pelo caminho mais curto, que é quase sempre o mais arriscado: a clandestinidade. Assim viera meter-se a bordo deste cargueiro de

má-morte, um calhambeque a desfazer-se em ferrugem, asmático e claudicante.

O tempo correu e ele dormitou. De repente acordou sobressaltado, e enclavinhou as mãos no saco. Uma voz rouca segredava-lhe ao ouvido:

— Salte cá pra fora, seu Tomé!

A clarabóia estava levantada. Atirou com as pernas entangidas para fora do esquite, mas quando se quis pôr em pé elas recusaram-se a aguentá-lo; doía-lhe a barriga, tinha a bexiga a rebentar e uma sede de morte.

— Não me posso mexer!

O marujo murmurou qualquer coisa que ele não ouviu bem, uma praga com certeza, e pôs-se a esfregar-lhe com vigor as costas, as pernas e os braços.

— Beba lá um gole de cachaça. Aqui é que vossemecê não pode ficar. Veja se se despacha, temos que aproveitar esta aberta, enquanto não anda nenhum guarda no cais.

Bebeu, sentiu um pouco de vida voltar-lhe aos membros, e pôde enfim andar. Foi verter águas junto dum turco dos salva-vidas. O outro fumava, impaciente, escondendo a brasa do cigarro na concha da mão morena.

— Pegue lá uma bucha prà viage. E agora tenha cautela, hã?

Palpou o embrulho morno do farnel que o marujo lhe meteu na mão, e encaminhou-se atrás dele para o castelo da popa em trevas. Tinham retirado a prancha, mas nem que ela lá estivesse: mesmo àquela hora adiantada era perigoso desembarcar a descoberto. O que ele tinha a fazer era transpor a amurada e descer por um cabo de amarração, como uma ratazana.

Chegara o momento difícil. Mas uma vez no cais, olho atrás olho adiante, cosido com as sombras e as paredes, fazendo-se parte delas, era sumir-se no desconhecido e estava livre.

— Meta o farnel no saco, homem. E pendure-o do pescoço, como é que você quer descer assim? Não tenha medo, agarre-se bem e ande prà frente.

Trocaram um aperto de mão. O clarão frouxo da cidade, a distância, enegrecia mais, por contraste, as vizinhanças. Ajeitou a trouxa ao pescoço, e sentiu-se pálido. A que altura estariam do cais? O marujo segurou-o, ajudou-o a transpor a amurada fria e molhada, e ele agarrou-se à corda com força. Ouviu em cima um murmúrio:

— Boa sorte! Vá com Deus.

Ficou sozinho, encangonchado no grosso cabo, áspero e encharcado. Alguns metros abaixo dele, invisível, era o cais, a terra firme, a liberdade, o pão amassado com o suor do seu rosto. Saberia alcançá-lo? Coragem! Sim, mas tinha o com-licença que não lhe cabia nele uma agulha. Era como se estivesse entre mar e céu, com o Credo na boca por todo amparo. Devagar, com o saco pendurado do pescoço a embaraçar-lhe os movimentos, e de pernas ensarilhadas, deixou-se escorregar. A palma das mãos ardia-lhe nas asperezas do cabo. O peso do corpo puxava-o para o lado inferior, mas ele era magro e lá conseguiu resistir à gravidade e manter-se equilibrado a cavalo na amarra.

Diante dos olhos só tinha agora o casco negro do navio, que não conseguia desfrutar, como se a ele se quisesse prender pelo magnetismo da vista. A água clapotava contra a estacaria, que rangia brandamente. Aquela água era agora o seu terror, e talvez viesse a ser o seu túmulo. Se a olhasse podia-lhe dar uma vertigem, e então...

Pela posição e balanço mais amplo do cabo percebeu que ia a meio caminho. Mas nem podia olhar para trás,

nem via um palmo adiante do nariz, além do negrume do casco. Deixou-se escorregar mais um pedaço, com dificuldade, porque o cabo se aproximava da horizontal, e, segurando-se com firmeza, soltou e agitou uma perna, à procura de contacto com a terra. Mas esta devia estar ainda fora do seu alcance. Descansou um migalho. O suor escorria-lhe na cara e no pescoço, encharcava-lhe as costas. Se agora caísse, era verdadeiramente um homem ao mar: ninguém dava por isso, e que dessem — de bordo ninguém lhe acudia. Nem do cais deserto. No dia seguinte, ou só Deus sabe quando, o cadáver seria pescado, meio roído dos peixes e dos caranguejos, ou inchado e fedorento, a escorrer água e lodo. Se o fosse!, porque também podia ir pelo mar abaixo... Seria mais um desaparecido, ou um cadáver anónimo, sem parentes, amigos nem conhecidos que o viessem identificar e reclamar. Longe, a família, à qual não escrevera em dois anos, continuaria por mais algum tempo à espera dele, ou de notícias; mas acabaria por esquecê-lo. Quanto aos destinatários, lá em cascos de rolha, que lhes importava? Nem sequer o conheciam. O comentário indiferente — «Aquilo, se calhar o homem nem chegou a embarcar!» — seria todo o seu res-

ponso e epitáfio. Esquecido. Era como se a mãe nunca o tivesse dado à luz.

Impelido pelo súbito terror de não existir, escorregou mais, tornou a agitar a perna, em vão. Agora o corpo, na horizontal, e a oscilar com a amarra, não podia arrancar-se à gravidade nem recobrar a verticalidade. Ainda que o pé esbarrasse na beira do molhe, como é que ele ia soltar-se, dar uma reviravolta e um pulo, para cair em pé? Nem pensar em pendurar-se pelos braços: ficaria abaixo do nível do cais, e então é que não havia esperança. Não ousava desenhencilhar-se da espia que o prendia à terra e à vida, para se endireitar e dar um salto. Nem sequer podia virar a cabeça para avaliar a que altura se encontrava. Mais alguns minutos, que tanto lhe durariam as forças, e a queda era fatal.

Teve a clara visão do seu estado — a boca negra da morte à espera dele, em baixo, como um tubarão insaciável — e intimamente amaldiçoou a hora em que lhe dera para se meter nestas andanças: se não era marujo, não sabia trepar uma corda nem sabia nadar! Suspenso entre dois nadas.

Encolheu-se todo e, com um esforço desesperado, conse-

guiu deslizar mais um pouco: o pé tocou por fim na beira do molhe, e um bafo de lume veio-lhe dele, subiu-lhe os membros, reanimou-o como um calor de ressurreição. O cais, molhado e escorregadio, estava ao seu alcance! Mas por baixo era ainda o abismo de água. Encavalitado na amarra, crispado e dorido, desembaraçou a custo a outra perna, e agitou-as ambas, à procura de apoio. As solas delgadas patinavam na viscosidade do madeiramento gasto, ou no rebordo de aço. Se tentasse firmar-se nelas podia escorregar, perder o suporte do cabo, e dar o mergulho definitivo. A suar em bica, trémulo do esforço, ficou minutos com as pernas pendentes e imóveis.

Voltar para cima, nem pensar nisso: já não tinha forças para marinhar, e que as tivesse, a bordo não o deixariam entrar nem ficar. Agora era respeitar o contrato, e escapular-se ou morrer. Como uma mosca teimosa, que se agita para escapar à armadilha, tornou a fazer esforços para se apoiar no cais, e soltou uma praga em voz alta:

— Oh rais ta parta a minha sorte!

Nesse instante sentiu que alguma coisa de duro, mão ou tenaz, o agarrava com violência pelos rins, dando-lhe a sensação dum ferro em brasa, e teve este pensamento

de renúncia: «Estou catrafilado!» Mas, é curioso, recobrou simultaneamente a calma e a esperança.

O quer que fosse puxou por ele com força, e ele deixou-se levar passivamente, até que, com o cordão do saco a estrefegá-lo, conseguiu endireitar o corpo e firmar-se nas pernas bambas. Aquela mão de ferro, invisível, arrempanhava-lhe as roupas e as carnes, macerando-o e magoando-o. Depois, com um safanão supremo, quase o ergueu do chão e fê-lo dar uma reviravolta.

Levantou os olhos e viu diante de si um grande vulto negro, um capote de oleado reluzente de chuva, uma farda com botões de metal e uma chapa cor de prata. O agente de polícia inclinou para ele o rosto vermelho e robusto:

— *Stowaway, eh?* — e sacudiu-o com energia, como se o quisesse despertar do torpor. — Passageiro clandestino? — repetiu, e riu-se. — *You speak English?*

Que pode um homem dizer em tais circunstâncias? Tinham-lhe recomendado: «Haja o que houver, não abra bico. Faça-se de trouxa.» Mas com aquela mão brutal não se brincava, e ele respondeu:

— Eu não espique ingleshe, eu não espique!

O agente largou uma risada de gozo e tornou a sacudi-lo:

— *No eespeek! No eespeek!*

Tinha um hálito quente, de tabaco e *whisky*. Na fria humidade de Dezembro, um homem precisa de alguma coisa que lhe aqueça as entranhas, para andar assim de ronda pelos cais desertos, entregue aos seus pensamentos. Depois, na noite de festa, de porta em porta ao longo das tabernas e *saloons* da borda-d'água — *Merry Christmas, Mack!* —, há sempre quem tenha uma fraqueza com a autoridade, e a gente não é de pau, nem pode fazer uma desfeita, recusar... A verdade é que um trago ou dois dispõem muitas vezes um homem a ser mais tolerante com as fraquezas do próximo.

Ficaram assim um pedaço, frente a frente, ele à espera, a contar os minutos de vida, e o agente talvez a dar balanço à situação, a macerar-lhe devagar o ombro magro na tenaz de ferro da manápula, e repetindo a meia voz:

— *No eespeek, no eespeek...*

Pequeno como um murganho, a tremer de medo e frio na fatiota leve, à espera da sentença — quem sabe até se o guarda, enraivecido, não lhe ia dar um empurrão, atirá-

-lo à água? — o passageiro clandestino olhava fixamente os botões da farda, o cassetete comprido e polido.

O agente disse ainda qualquer coisa que ele não entendeu, e apertou-lhe os ombros com mais força a tatear-lhe os ossos, talvez a ensaiar esmagar-lhos pelo simples prazer de exercer forças naquela fragilidade. Depois, de repente, obrigou-o a dar meia volta, de cara à terra, apoiou-lhe a mão enorme e espalmada nas costas, e empurrou-o:

— *Now run!*

Não precisou de entender, e correu: correu sem saber aonde ia, nem se o guarda lhe ia dar um tiro pelas costas como a um ladrão das docas que desobedece à ordem de *Alto!*, ou se realmente o mandava embora, livre, sem o prender nem o forçar a regressar a bordo. Correu às cegas, a mastigar palavras sem tom nem som, a esbarrar em paredes, a tropeçar em caixotes, em fardos, em cordames, em máquinas, confuso e perdido, incapaz de encontrar a saída daquele labirinto.

Foi quando a voz do polícia lhe atirou a distância, pela retaguarda:

— *Hey! Merry Christmas!*...

O clandestino estacou, compreendendo vagamente, e só nesse instante se lembrou que era noite de Natal. Então, com a garganta apertada, a rir e a chorar, transpôs umas calhas ferroviárias, pulou uma vedação de rede de arame, e deitou a correr em campo aberto, nas trevas.

De longe, o clarão agora mais vivo da cidade guiava-lhe os passos, como reflexos de misteriosa estrela oculta, ou de lareira acesa, chamando-o à consoada.

JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS
GENTE
DA TERCEIRA CLASSE

- A sua filha vai estar no cais à sua espera.

Não se rale.

- Ela mora lá prás bandas da Providença:

sabe adonde é?



Apoio:



Patrocínios:

